
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"
Anais

O SACRIFICIO HUMANO: UMA ABORDAGEM HISTORICO-FILOSÓFICA*

José Vicente Medeiros da Silva – UFAL**

Resumo

O sacrifício humano emerge na história como um desafio ético. Por que seres humanos sacrificam seres humanos? Quais os aspectos ideológicos, culturais, religiosos e políticos, que impulsionam o humano para praticar o sacrifício? Nosso olhar sobre a questão do sacrifício humano fará uma abordagem histórico-filosófica. Neste sentido, iremos tomar como paradigma o relato bíblico do sacrifício de Isaac pela sua força simbólica. Filósofos como Kant, Kierkegaard e Lévinas se debruçaram sobre o tema. Analisaram o sacrifício humano como um problema ético. Problema que continua para o mundo contemporâneo e suas novas formas de sacrifícios humanos. A prática sacrificial continua sendo realizada em nome de deus, do mercado e da raça.

Palavras-Chave: Sacrifício. Ética. Religião.

Introdução

A prática do sacrifício de seres humanos era realizada desde os povos antigos. Inúmeras culturas de formas diferentes a praticavam com o intuito de oferecer aos deuses às vítimas em seus rituais. A cultura védica, os maias, e os incas realizavam sacrifícios humanos. É possível afirmar que o sagrado institui uma nova relação do homem com o mundo na medida que este se revela e se manifesta na história humana. Segundo Mircea Eliade, "o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo. Situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da história" (ELIADE, 1992, p. 20).

Os sacrifícios humanos fazem parte desse contexto complexo do homem *religiosus,* que imprime uma nova relação com os deuses, com a natureza e com o outro humano. O sagrado constitui o pano de fundo para

* Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião entre os dias 08 e 10 de setembro de 2016 na UNICAP, PE.
** Doutor em Filosofia e Professor da UFAL.

dar sentido ao sem sentido da experiência humana no mundo. Sentido esse que vai se constituindo diferentemente do mundo profano, o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade diferente das realidades naturais.

Neste âmbito, uma fenomenologia do sacrifício deve buscar entender seu sentido último, sua experiência mais profunda que remete para novas formas de compreensão do sagrado e da experiência religiosa. O sacrifício humano como oferenda aos deuses parece revelar uma experiência de temor e tremor, pois habita uma das dimensões mais profundas da vida humana na história.

O sacrifício humano passa a ser um desafio para as ciências da religião, para a história e para a filosofia. Entender racionalmente esta experiência humana com um sentido que ultrapassa a racionalidade humana sempre foi uma tarefa complexa. Vários filósofos tentaram compreender a partir do sacrifício de Isaac o problema dos sacrifícios humanos na história. Em nosso trabalho abordaremos as reflexões de Kant, Kierkegaard e Lévinas. Partiremos de uma análise ética da questão proposta. Neste sentido, entendemos a ética como uma relação que institui o modo de entender, viver e sentir o outro humano na história.

Para Pascal, os homens nunca praticam o mal de modo tão completo e animado como quando o fazem a partir da convicção religiosa. Ao longo dos séculos, o sacrifício teve muitas variedades. Na Fenícia garotos eram queimados para apaziguar Adônis e outros deuses. Em Bornéu, construtores de palafitas atravessavam o corpo de uma virgem com a primeira estaca da casa, para sacrificar a deusa da terra.

Os astecas sacrificavam cerca de vinte mil vítimas por ano. A principal divindade era o sol. Que poderia desaparecer sem uma alimentação diária de corações e sangue.

Outros sacrifícios permaneceram. No século XIX, um rei ashantí da África, desejando tornar seu palácio inexpugnável, sacrificou duzentas

meninas e misturou seu sangue à argamassa das paredes. Em 1838, uma menina índia da tribo americana pawnee foi cortada em pedaços para fertilizar plantações recém-semeadas (HAUGHT, 2003, p. 34). Mas, o que marca com sua força simbólica e será tema de diversas análises na história é o sacrifício de Isaac narrado na Sagrada Escritura.

> Deus provou Abraão e disse-lhe: Abraão! "Eis-me aqui" respondeu ele. Deus disse: "toma teu filho, teu único filho a quem tanto amas, Isaac; e vai à terra de Morià onde tu o oferecerás em holocausto sobre um dos montes que eu te indicar". No dia seguinte pela manhã, Abraão selou o seu jumento. Tomou consigo dois servos e Isaac, seu filho, e tendo cortado a lenha para o holocausto partiu para o lugar que Deus tinha lhe indicado. Ao terceiro dia, levantando os olhos, viu o lugar de longe. Ficai aqui com o jumento, disse ele aos seus servos; eu e o menino vamos até lá mais adiante para adorar e depois voltaremos a vos. Abraão tomou a lenha do holocausto sobre os ombros de seu filho Isaac, levando ele nas mãos o fogo e a faca. E enquanto os dois iam caminhando juntos, Isaac disse a seu pai: " Meu pai! " – "Que há meu filho? " – Isaac continuou: " temos aqui o fogo e a lenha; mas onde está a ovelha para o holocausto? " Deus, respondeu-lhe Abraão, providenciará ele mesmo uma ovelha para o holocausto, meu filho". E ambos juntos, continuaram o seu caminho. Quando chegaram ao lugar indicado por Deus, Abraão edificou um altar, colocou nele a lenha, tomou Isaac, seu filho, e o colocou sobre o altar em cima da lenha. Depois, estendendo a mão, tomou a faca para imolar o seu filho. O anjo do Senhor porem, gritou-lhe do céu: " Abraão! Abraão! – " Eis-me aqui! " –
>
> "Não estendas a tua mão sobre o menino, e não lhe faças nada". Agora eu sei que temes a Deus, pois não lhe recusaste teu próprio filho, teu filho único". Abraão levantando os olhos, viu atrás dele um cordeiro preso pelos chifres, tomando-o, ofereceu-lhe em holocausto em lugar do seu filho. (GÊNESIS, 22. 1-13).

O sacrificio humano e a Filosofia

A filosofia prática de Emanuel Kant visa refletir sobre o papel da ética na vida humana. Filho do Iluminismo e da modernidade, Kant acredita na força da racionalidade humana para fundamentar na teoria e na prática sua filosofia. Em 1793, Kant escreveu *A Religião no Limites da Simples Razão*.

Trata-se de sua principal obra sobre o tema da religião. O texto pretende responder a terceira questão da filosofia crítica: Que posso esperar?

Como o título da obra aponta, é uma crítica da religião nos limites da razão. Como afirma Ricouer: "essa obra é uma expressão da razão filosófica, que não tem por objeto a ideia de Deus, mas o fato da religião. (RICOUER, 1996, p. 19). Portanto, trata-se de uma crítica – no sentido kantiano do termo – da religião e, sobretudo do cristianismo.

Para Kant, o cristianismo só é racional na medida em que é moral e que o princípio moral que ele contém não é teológico. É a ética que exige que se postule a existência de Deus. A moral conduz à religião. No prefácio da *Religião nos Limites da Simples Razão* Kant afirma: "uma religião que, sem hesitações, declara guerra a razão, não aguentará muito tempo contra ela" (Kant, 1992, p.18).

Se Deus se revelasse na história, poderia o homem reconhecer a revelação como divina? Responde Kant:

> Com efeito, se Deus falar realmente ao homem, este nunca consegue saber que é Deus que lhe fala. É absolutamente impossível, que por meio dos sentidos, o homem tenha de aprender o infinito, distingui-los dos seres sensíveis e reconhece-lo em qualquer coisa. Mas, em alguns casos, pode muito bem convencer-se que não pode ser Deus aquilo cuja voz julga Deus
>
> ouvir; se por nestes casos o que é proposto for contrário a lei moral, então por majestoso que se lhe afigure o fenômeno e ultrapassando até toda natureza deve tê-lo por ilusão (Kant, 1993, p. 76).

Com base na análise kantiana, é possível afirmar que toda fé deve ser questionada segundo a reta e pura razão. A ética Kantiana se fundamenta em preceitos universalizáveis, que deixa de lado nossos interesses e emoções, tanto na hora de formulá-los, como na hora de cumpri-los.

Entre estes preceitos está "o não matarás". Na lógica Kantiana, o sacrifício de Abraão é um ato injusto, por que é imoral matar um inocente. Segundo Kant, como vimos, é impossível saber se era Deus a quem Abrão escutava nessa voz interior que lhe pedia para sacrificar Isaac. É, portanto, inconcebível que Deus tenha mandado sacrificar Isaac, pois não é algo que possa ser universalizável, e é um ato injusto, um assassinato.

Kant condena assim, toda fé que defende o sacrifício, que através de sacrifício, pretende violar, com pretensão de justificação, a dignidade e a liberdade do ser humano.

Kant se esforça para retirar o homem de sua menoridade, preferencialmente em matéria religiosa, pois, a menoridade religiosa é por vezes a mais perniciosa de todas. Assim, a crítica se torna arma poderosa contra as superstições, os fanatismos e os dogmatismos.

Fruto de um longo processo, a reflexão de Kant sobre a religião e a revelação é uma crítica contundente sobre suas condições de possibilidades. As questões colocadas por Kant, continuam nos fazendo pensar e assumir sempre o compromisso da construção da liberdade.

Neste sentido, o tema da religião aparece como uma proposta nova no projeto kantiano. Não é Deus que funda a moral, mas a moral que funda necessariamente a religião. Neste âmbito, o problema da revelação se coloca a partir da tarefa da melhoria moral do homem.

Toda revelação (milagres, ritos, orações, etc.), só tem sentido se o homem se torna moralmente melhor, isto é, se corresponde à autonomia moral humana. Na posição de Kant, quanto à religião e à teologia, a razão possui uma supremacia e autonomia em relação à revelação

No século XIX, a filosofia de Sören Aben Kierkegaard, aparece como uma crítica aos excessos do racionalismo iluminista e principalmente a filosofia de Hegel. Na sua obra *Temor e Tremor*, kierkegaard faz uma análise

do sacrifício de Isaac que aqui iremos apenas introduzir. Sua análise do problema do sacrifício é diferente da análise Kantiana.

Segundo Kierkegaard, o indivíduo é a categoria central, este ser irredutível, original e insubstituível, cujo modo de ser é sempre possibilidade. Na possibilidade tudo é possível, inclusive o nada e a angústia.

A vida não é redutível a racionalidade e ao conceito. O saber, o conhecimento é insuficiente para determinar o sentido da existência. A existência é sobretudo escolhas, diante da angústia de ter que escolher.

Neste âmbito, a experiência humana se divide em três momentos: o estético, o ético e o religioso. No estético o humano está preso a dimensão dos prazeres, sua humanidade se dispersa na multiplicidade sem empenho ético. Na dimensão ética o indivíduo segue as normas morais, as convenções sociais. Mas, é no âmbito da fé que o homem encontra seu mais profundo desafio e sentido.

No sacrifício de Abraão se mostra o salto da ética para a fé. Na singularidade da existência a experiência da fé supera o desespero e a angústia.

Para Kierkergaard, Abraão não propõe um dever universalizável, uma ética. O que ele propõe é exatamente a suspensão da ética. Ocorre a priorização da fé, da revelação em detrimento da ética. A fé é confiança. Há um dever absoluto para com Deus.

Abraão não entende e por isso se lança confiantemente em Deus e em seus desígnios. É com tremor e temor que ele se propõe a cumprir o que lhe pede a voz divina.

Abraão se coloca como aquele que assume a fé na sua radicalidade, assumindo sem mesmo entender, os riscos e a angústia do absurdo. Matar aquele que mais ama, implica numa fé absoluta em Deus. Uma confiança

que ultrapassa a fé em si mesmo, no seu entendimento, para se lançar na experiência do absoluto. Não busca nada para si, nem para seu povo.

Ao sacrificar seu filho, estaria sacrificando a si mesmo, a fé não é certeza e segurança, mas é angústia e paradoxo. Há um dever superior a ser cumprido. No silencio e no não entendimento Abraão confia. No absurdo a fé abraâmica aponta para um sentido da existência.

Segundo kierkegaard,

> Apesar de tudo Abraão acreditou para esta vida. Se a sua fé se reportasse à vida da futura, ter-se-ia, com facilidade despojado de tudo, para sair prontamente do mundo a que já não pertencia. **Abraão acreditou sem jamais duvidar. Acreditou no absurdo, se tivesse duvidado, agiria de outro modo. Teria mesmo realizado um ato magnifico** (KIERKEGAARD, 1979, p. 206).

Mas, a o paradoxo da fé proposto por Kierkegaard, implica em algo que ele não levou em muita consideração. Ao assumir o risco de sacrificar seu filho Isaac, ele assume a possibilidade de matar em nome de Deus. A fé torna-se uma arma poderosa que no limite assume o risco de impor a morte ao outro. Sem questionamento a fé corre o risco de matar pelo o que ela pede, ou seja, o sacrifício do outro, sua vida. Em nome de Deus a morte prevalece sobre a vida. Eis o paradoxo.

> Abraão cala-se porque não se pode falar; nesta impossibilidade residem a tribulação e a angustia. Porque, se não me posso fazer compreender, não falo, mesmo no discurso noite e dia sem interrupção. Tal é o caso de Abraão; pode dizer tudo, exceto uma coisa, e quando não pode dizê-lo de maneira a fazer-se entender não fala (KIERKEGAARD, 1979, p. 296).

O questionamento que podemos fazer e se esta não seria a lógica terrorista atual. Não alimentaria um fanatismo religioso que em nome de Deus sacrifica o outro e o destitui de sua liberdade, de sua dignidade e de sua vida.

No século XX, a ética da alteridade desenvolvida por Emmanuel Lévinas, pretende ser uma resposta a barbárie vivida pela Europa através

das duas guerras mundiais e a falência do modelo ético gestado pela modernidade. Filosofo judeu, tenta de alguma maneira dialogar entre a tradição judaica e a filosofia grega.

Para Lévinas, a mais alta radicalidade do mal consiste na negação do outro. A filosofia da alteridade de Emanuel Lévinas é uma resposta à crise gerada pelo esquecimento do outro e pela valorização do eu. No esforço de sair da trama do eu como fundamento do mundo e do homem, Lévinas construiu uma ética para além do Ser.

Lévinas lê a filosofia ocidental como egologia e por isso se faz necessário buscar uma alternativa à ontologia que lhe parece destruidora da alteridade. Ele se propõe, então, construir uma filosofia positiva, e a ética se oferece como uma alternativa a ontologia, o bem como alternativa ao Ser, o um para o outro da responsabilidade infinita como a significação sobre a qual se funda o saber e como o sentido contra toda falta de sentido. Lévinas não entende a filosofia como amor à sabedoria, mas como sabedoria do amor, privilegiando o outro como desafio ético frente à ontologia.

Na leitura das obras principais de Lévinas – *Totalidade e Infinito, Outramente que ser, De Deus que vem à Ideia, Ética e Infinito* -, entendemos que é possível sustentar a tese de que, na arquitetura do seu pensamento, a ética vai se desenvolvendo como tema central, até ser estabelecida como filosofia primeira.

A obra de Lévinas pode ser caracterizada, nesse sentido, como uma tentativa de pensar um modelo diferente de filosofia dos modelos que a tradição filosófica elaborou no Ocidente desde os gregos até a contemporaneidade.

Um modelo de resistência que procura o resgate do outro enquanto outro. Vê-se nesta postura, a afirmação de outro modo de ser humano; melhor dizendo, do Humanismo do Outro Homem.

O ponto de partida de Lévinas para uma possível anterioridade da ética como filosofia primeira é o questionamento da ontologia fundamental. Segundo Lévinas, a história da ontologia é a história do desdobramento livre e absoluto do Ser.

Ser é autoafirmação, liberdade e poder livre. A tradição filosófica glorifica o Mesmo no Ser, e enquanto totalidade nega o outro; isto é, a alteridade ou exterioridade. Essa tradição revela-se insuficiente para perceber a novidade absoluta do outro.

Este entendimento vem apontar que Lévinas atribui à ontologia a responsabilidade pela violência praticada contra o homem. O filósofo deixa transparecer, ao longo do seu itinerário filosófico, que não pretende destruir a subjetividade como ocorre no pensamento pós-moderno, mas reconstruir a subjetividade sem cair na ontologia que propunha um Eu autônomo ou uma moral abstrata e formal.

No caso de Abraão, Lévinas percebe uma solidão e uma singularidade irredutível que deve ser respeitada. Lévinas defende a singularidade irredutível da pessoa humana. Esta solidão da individualidade é vivida por Abraão.

Por outro lado, Lévinas desconfia da solidão de Abraão. Solidão que não se abre a exterioridade do outro humano, neste caso o seu filho Isaac. Neste sentido, há a possibilidade para a efetivação da violência. A solidão da individualidade assusta Lévinas, já que a percebe muito próxima à violência.

Porque o violento desenvolve sua ação como se estivesse só, como se apenas os demais estivessem condenados a receber os impactos de sua ação. Tanto nas várias formas de violências de inspiração religiosa e ideológica, como nas várias formas de violências coletivas, ocorre a solidão do sujeito.

O problema é esta separação ética com o outro humano. Em Lévinas, a responsabilidade sobre o outro antecede a liberdade. Sou responsável pelo outro mesmo que eu não queira ser. Isto implica na renúncia a qualquer tipo de violência.

No âmbito da filosofia ocidental, a moral era considerada como um ramo da ontologia. Em contrapartida, na perspectiva levinasiana, na relação com o rosto do outro, a ética precederá a ontologia e se tornará a filosofia primeira.

Para Lévinas há uma situação dramática entre a filosofia e o mundo pré-filosófico. O período pré-filosófico consiste em objetos e eventos radicalmente diferentes vivenciados antes da reflexão. Com efeito, os seres humanos vivenciam os objetos e os fenômenos. Esta vivência não apenas causa admiração, mas incomoda e é atemorizante.

Neste sentido, a filosofia sempre buscou erradicar as diferenças para garantir a certeza do conhecimento verdadeiro, abolindo as diferenças e a alteridade.

A tarefa incomum de Lévinas, quando desenvolve a tese da ética como filosofia primeira, é o esforço de descrever a relação com o outro, com a outra pessoa para além do conhecimento, da compreensão. Lévinas afirma, que se nossas interações sociais não forem sustentadas pelas relações de responsabilidade ética com as outras pessoas, então o pior pode acontecer, ou seja, o fracasso em se reconhecer a humanidade e a dignidade do outro.

Considerações finais

Nesta abordagem panorâmica, é possível afirmar que com Kant podemos compreender a importância da liberdade e da dignidade da pessoa humana. A crítica racional é arma contra os fanatismos e todas as formas

de violência. Kierkegaard denuncia os excessos da racionalidade, mas em determinados contextos, corre-se o hoje o risco de abraçar a experiência da fé sem a crítica racional. Em Lévinas, somos chamados a viver a experiência da alteridade, que nos chama a responsabilidade pelo outro.

Segundo Dussel, hoje temos o dever de denunciar os sacrifícios do processo de colonização das vítimas do sistema opressor: os negros, os indígenas, as mulheres, os desempregados e a própria natureza.

Para Dussel, a vida humana não é um conceito, nem uma ideia, nem um horizonte abstrato, mas o modo de realidade de cada ser humano concreto, condição absoluta da ética e exigência de libertação (DUSSEL, 2002, p. 11). Sacrificados em nome de uma civilização e de uma cultura que se autodomina superior, os condenados da terra clamam por justiça e libertação (SILVA, 2012, p. 98).

Numa sociedade marcada pelo medo, pela insegurança generalizada, pelo individualismo, pela barbárie em todos os níveis, o ser humano é novamente convocado a realizar a tarefa urgente de reconstruir sua própria humanidade.

No contexto da sociedade globalizada atual, é possível afirmar que os sacrifícios humanos são na verdade uma barbárie, uma outra forma de assassinato. Hoje o sacrifício é também contra a natureza. A natureza e a humanidade sofrem no altar do deus mercado.

Degradar, sacrificar a natureza é outra forma de matar a vida. Se a vida é o sustentáculo dos diversos ecossistemas, sua morte implica em morte da vida humana, já que toda vida está relacionada. Sabemos que a terra é um organismo vivo, e que o ser humano é apenas um elo da sua cadeia evolutiva. Neste sentido, a vida não pode ser transformada em mercadoria. Neste contexto, surgem novos desafios.

Para Paul Ricouer, o mal não é apenas um problema especulativo, teórico, mas que se insere concretamente na vida humana. O sacrifício humano pode ser visto como a experiência do mal que se concretiza na história. Ricouer afirma que o mal deve ser combatido em três frentes, exigindo uma convergência entre pensamento, ação e uma transformação dos sentimentos.

No plano do pensamento o problema do mal é segundo este autor um desafio, pois é sempre um fracasso para as sínteses prematuras e uma provocação para pensar sempre mais e de modo diferente.

Pela ação, o mal é antes de tudo o que não deve ser, mas deve ser combatido. Antes de acusar Deus ou de especular sobre a origem do mal, devemos combate-lo, devemos atuar ética e politicamente.

A resposta emocional busca resignificar os sentimentos de queixa contra o mal e contra Deus. Acreditar em Deus apesar de... é uma das maneiras de integrar a aporia especulativa. (RICOUER, 1988, p.47)

> Que não se acredite que, acentuando a luta prática contra o mal, se perde de vista uma vez mais o sofrimento. Muito pelo contrário. Todo mal cometido por um ser humano, é um mal sofrido por outro. Fazer mal é fazer sofrer alguém. A violência não para de refazer a unidade entre mal moral e sofrimento. Desde então, toda ação ética ou política que diminui a quantidade de violência exercida pelos homens uns contra os outros, diminui a taxa de sofrimento no mundo (RICOUER, 1988, p.48).

Neste âmbito, nos resta também a esperança. Para Bauman, a esperança é um equilíbrio aceitável entre liberdade e segurança, essas duas condições *sine qua non* da sociedade humana. De uma esperança que pode tornar possível o ato corajoso de ter esperança (BAUMAN, 2008, p, 228).

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação na Idade da Globalização e da Exclusão.** Petrópolis: RJ, Vozes. 2000.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GÊNESIS. In: **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Editora Ave Maria, 1989.

HAUGHT, James, A. **Perseguições religiosas: uma história do fanatismo e dos crimes religiosos.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

LÉVINAS, Emmanuel**. Totalidade e Infinito.** Lisboa**:** Ed. 70, 2000.

KANT, Immanuel**. A Religião nos Limites da Simples Razão.** Lisboa: Ed.70, 1992.

_____. **O Conflito das Faculdades**. Lisboa: Ed. 70, 1993.

KIERKEGAARD, Soren Aabye. **Temor e Tremor.** São Paulo: abril cultural, 1979.

RICOUER, Paul. **O mal: um desafio à filosofia e a Teologia**. Campinas, SP: Papirus, 1988.

_____. **Leituras 3: nas fronteiras da Filosofia**. São Paulo, Loyola, 1996.

SILVA. J. V. Medeiros da. Filosofia, responsabilidade e educação em Enrique Dussel. In: **Perspectiva Filosófica**. Nº 38, Vol II, 2012. P. 91-107.